



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ELAINE COSTA DE SOUSA

**O PAPEL DOS PAIS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS: implicações pedagógicas  
do pensamento de Judith Harris**

PICOS-PI

2014

ELAINE COSTA DE SOUSA

**O PAPEL DOS PAIS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS: implicações pedagógicas  
do pensamento de Judith Harris**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Piauí - UFPI como  
requisito para conclusão de graduação em  
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Ms. Patrícia Lima de Barros

PICOS-PI

2014

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S725p**      Sousa, Elaine Costa de.  
                  O papel dos pais na educação dos filhos: implicações pedagógicas  
                  do pensamento de Judith Harris / Elaine Costa de Sousa. – 2014.  
                  CD-ROM; 4 ¾ pol. (39 f.)

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade  
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.  
Orientador(a): Profa. Msc. Patrícia Lima de Barros

1. Criança. 2. Paternidade. 3. Personalidade. I. Título.

**CDD 371.192**

ELAINE COSTA DE SOUSA

**O PAPEL DOS PAIS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS: implicações pedagógicas  
do pensamento de Judith Harris**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Piauí - UFPI como  
requisito para conclusão de graduação em  
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.ªMs. Patrícia Lima de Barros

Monografia Aprovada em 13 / 02 / 2015

*Patrícia Lima de Barros*

Prof.ª Ms. Patrícia Lima de Barros – Orientadora  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

*Iolanda Gonçalves de Sousa Suspiques*

Prof.ª Ms. Iolanda Gonçalves – Examinadora  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

*Gustavo Silvano Batista*

Prof. Dr. Gustavo Silvano – Examinador  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Dedico este trabalho a minha herança, Inácio Manoel, que desde sua concepção tem sido a maior fonte de inspiração da minha vida e por quem lutarei todos os dias, buscando sempre ser e dar o melhor de mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Como é bom render graças ao Senhor e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo; anunciar de manhã o teu amor leal e de noite a tua fidelidade. (sl 91:1-2).

Ao meu Deus, que me criou e que me conhece desde o ventre de minha mãe, toda honra, toda gloria, todo louvor e toda a minha gratidão. Pois ele em sua infinita bondade e misericórdia tem guiado os meus passos até aqui e me feito conquistar grandes coisas.

Aos meus pais, que sempre acreditaram nos meus sonhos e para que eu pudesse realizá-los abriram mão dos seus, toda minha gratidão. Essa vitória é por vocês e eu os amo com toda força que há em mim.

Agradeço a minha irmã, por ser a pessoa no mundo que mais acredita em meu potencial intelecto e por todo carinho, dedicação e torcida desde sempre. Te amo.

Minha gratidão, companheirismo e amor eternos ao homem da minha vida, por toda sua paciência, compreensão e amor. Você é verdadeiramente um presente de Deus pra mim. Um para o outro e ambos para o Senhor. Obrigada pelo nosso maior presente: Inácio Manoel. Te amo EMMANNUEL MAX.

Um agradecimento especial aos meus amigos de perto e de longe, por me amarem e me divertirem. Aqueles que conquistei durante o período da graduação em Teresina e em Picos, tenho certeza que foram um presente maravilhoso do meu Deus para mim. Vocês são os melhores.

Ao meu grupo de pesquisa e extensão, Promoção da saúde de adolescentes através de grupos, na pessoa de nossa amada mestre Iolanda Gonçalves, meu muito obrigada. Vocês são uma equipe maravilhosa.

A todos os professores que passaram em minha vida escolar e acadêmica, na pessoa daquela que tem sido uma inspiração para mim desde a primeira aula e durante toda a orientação da monografia: Patricia Barros. Você é uma profissional incrível e um exemplo de mulher cristã. Ter você por perto é uma honra e significa muito aprendizado sempre. OBRIGADA!

Enfim, sou imensamente grata por cada encontro, desencontro, luta, vitória, todos os momentos vividos que me proporcionaram tanto aprendizado e fazem parte do que sou. Família, nós conseguimos.

Teus filhos não são teus filhos.  
Eles são os filhos e as filhas da vida que anseia por si mesma.  
Eles chegam por teu intermedio mas não de ti,  
E embora estejam contigo eles não te pertencem.  
Podes lhes dar teu amor mas não teus pensamentos,  
Pois eles tem seus proprios pensamentos.  
Podes abrigar seus corpos mas não suas almas  
Pois suas almas habitam a casa do amanhã, que tu não podes visitar,  
Nem sequer em teus sonhos.  
Podes te esforçar para ser como eles, mas não procures fazê-los semelhantes a ti.  
Pois a vida não recua nem permanece no ontem.

KahlilGibran

## RESUMO

Como nos tornamos o que somos é uma pergunta que permeia o imaginário de qualquer pessoa e foi partindo dela que psicólogos e diversos outros estudiosos se ocuparam de pesquisar e responder questionamentos acerca da formação da personalidade do ser humano. O estudo agora descrito consiste numa revisão de literatura, desenvolvida com base em material já publicado e que teve como proposta discutir a influência da educação dada pelos pais na formação da personalidade dos filhos. Busca também analisar as implicações pedagógicas da teoria psicanalítica de Sigmund Freud, que coloca a participação dos pais como princípio orientador da formação dos filhos e do pensamento de Judith Harris, que desafia este ponto de vista. O ponto alto da pesquisa foi perceber que, ao contrário do que pensam o senso comum e a teoria freudiana, os pais não têm tanta influência na formação da personalidade dos filhos e que a influência decisiva parte do convívio do indivíduo com seus pares, ou seja, seus amigos. Constatou-se que os pais, continuam sendo importantes no processo de desenvolvimento da criança, mas também que sua maior influência se restringe aos primeiros anos da infância. Por fim, a realização deste estudo indica uma necessidade de pesquisas mais aprofundadas a respeito desta temática, que é do interesse de todos os envolvidos com o processo de educar e que precisam, por isto mesmo, conhecer o complexo contexto em que se forma a personalidade do indivíduo.

**Palavras-chave:** Criança. Paternidade. Personalidade



## ABSTRACT

How do we become who we are is a question that permeates the imagination of anyone and it was through her that psychologists and many other scholars have addressed to research and answer questions about the formation of human personality. The study, now described, consists of a literature review that had the purpose to investigate the influence of education given by parents in the personality development of the children. It also seeks to discuss the pedagogical implications of psychoanalytic theory of Sigmund Freud and the thought of Judith Harris. The high point of the research was to realize that, contrary to common sense thinking, parents do not have as much influence on children's personality development and the decisive influence comes from the individual's socializing with his peers, in other words, his friends. Thus, it was found that parents remain important and fundamental in the child development process, but their influence is restricted to early childhood. Finally, there is to this study a need for further research regarding this issue, which is of interest to all those involved in the process of educating and they need to know the complex context in which the individual's personality is taken shape.

**Keywords:** Child. Paternity. Personality

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1 Objetivo geral .....	12
1.2 Objetivos específicos .....	12
1.3 Metodologia .....	12
<b>2 TEORIAS DA PERSONALIDADE, PSICANÁLISE E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS</b> .....	14
<b>3 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO PENSAMENTO DE JUDITH HARRIS</b> .....	20
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38
<b>ANEXOS</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Os padrões a respeito de como criar os filhos têm passado por grandes transformações ao longo dos anos. Os pais ainda são os principais responsáveis por esta tarefa, embora muitas vezes esta seja delegada à escola, especificamente aos professores - tendo em vista que os pais trabalham mais tempo fora de casa e as crianças passam mais tempo na escola. Assim, faz-se necessário pesquisar o real papel dos pais na educação dos filhos e qual a sua influência na formação da personalidade dos mesmos.

A necessidade de analisar o papel dos pais na personalidade dos filhos torna-se essencialmente relevante na atualidade, já que estes são responsabilizados por todas as coisas que acontecem com as crianças, como por exemplo, o sucesso ou o fracasso escolar, apesar de passarem cada vez menos tempo com os filhos, normalmente para cumprirem obrigações relacionadas ao trabalho.

Discutir esta temática é necessário, tendo em vista que, ao longo dos anos, o papel de educar tem passado por diversas mãos. Se antes a mãe se ocupava dos cuidados com o lar e da educação das crianças, hoje, inserida no mercado de trabalho, esta função é delegada a terceiros, como parentes, babás e, especialmente, a escola. Assim, em muitas ocasiões o professor cumpre um papel que deveria ser desempenhado pelos pais, provocando um conflito interno para a criança e na relação família-escola.

Com isso, percebe-se na atualidade, pais cada vez mais inseguros quanto à melhor maneira de educar seus filhos, alimentando um vasto mercado da literatura, composto por livros que trazem “fórmulas mágicas” sobre a melhor maneira de criar filhos confiantes, educados e bem sucedidos na vida. Entretanto, a história mostra que nem sempre os pretensos especialistas conhecem a melhor maneira de educar crianças. Para citar apenas um exemplo dentro do campo da psicologia, tem-se o caso de John Watson: Ele submeteu seus filhos a um duro regime de criação, com agendamento das refeições e sem afetos físicos. Em 1928, Watson escreveu o livro *Psychological care of the infant and child*, publicação que transformou as práticas americanas de educação infantil. Ele defendia a teoria de que o afeto demonstrado pelos pais criaria crianças instáveis emocionalmente, e então aconselhava, em sua publicação, que os pais fossem objetivos com seus filhos, não demonstrando afeto,

através de práticas como distribuição de beijos ou colocação das crianças no colo. Seu filho James, o descreveu como:

Insensível, emocionalmente reservado, incapaz de expressar- e lidar com qualquer sentimento ou emoção própria e, creio, determinado inadvertidamente, a privar-me, bem como ao meu irmão, de qualquer tipo de estrutura emocional. Realmente acreditava que a expressão de ternura ou afeto, nos traria efeitos danosos. Era extremamente rígido na aplicação das suas filosofias fundamentais como behaviorista. Nunca fomos beijados ou carregados no colo quando crianças; nunca nos foi demonstrado qualquer tipo de proximidade emocional, era totalmente proibido na família. (JAMES WATSON, apud SHULTTZ, p. 261)

Ao contrário do que a teoria de Watson poderia supor, seus filhos cresceram adultos instáveis, inclusive, no caso de James, tentando suicídio. Essa premissa, portanto, demonstra claramente a fragilidade das assertivas de teóricos renomados sobre a melhor maneira de criar filhos. É, portanto, necessário que os pais tomem bastante cuidado com os tipos de teorias que aplicam na educação de seus filhos, buscando, antes de tudo, confiar no seu bom senso, enquanto progenitores da criança.

No início da discussão do papel dos pais na formação da personalidade dos filhos, surge, necessariamente, a pergunta: como nos tornamos o que somos? Este é um questionamento primordial para a abordagem a que se propõe o texto. Construir uma teoria a respeito da personalidade é algo complexo, tendo em vista que a mesma é estudada por teóricos diversos e nem sempre concordantes. Para que haja clareza a respeito da temática aqui desenvolvida, serão apresentadas algumas destas teorias.

Usa-se o termo personalidade para caracterizar o modo diferente de agir de diversas pessoas em situações semelhantes. Assim, pode-se dizer que esta refere-se a um conjunto de características comportamentais do ser humano. É sob esta perspectiva que iremos trabalhar a formação da personalidade do indivíduo. A este respeito, Weiten afirma (WEITEIN, 2010, p. 337):

Em suma, o conceito de personalidade é utilizado para explicar: a estabilidade no comportamento de uma pessoa ao longo dos anos e em diferentes situações (consistência); as diferenças de comportamento entre as pessoas ao reagir à mesma situação (peculiaridade)... personalidade refere-se ao conjunto singular de traços de comportamento consistentes de um indivíduo.

A discussão ora estabelecida é uma ferramenta de estudo para aqueles que estão envolvidos com o processo de educação, seja como pais, filhos, professores ou acadêmicos de pedagogia, entre outros. Não para ensinar a melhor maneira de criar filhos, mas para apresentar uma discussão que traz dados científicos sobre como se forma a personalidade do indivíduo e que investiga em que medida aquilo que acontece durante o desenvolvimento da criança tem relação com o tipo de criação dada por seus pais.

### **1.1 Objetivo geral:**

- Discutir a influência dos pais na formação da personalidade dos filhos.

### **1.2 Objetivos específicos:**

- Apresentar teorias da personalidade, enfatizando a obra freudiana;
- Analisar as implicações pedagógicas da psicanálise;
- Apresentar a pesquisa de Judith Harris e discutir suas implicações pedagógicas.

### **1.3 Metodologia**

A metodologia adotada para esta pesquisa foi uma revisão da literatura que trata a respeito desta temática. Entre os principais autores pesquisados, encontram-se: Sigmund Freud, Tânia Zagury (2006), Wayne Weiten (2010), Steven Pinker, Frank Sulloway e, principalmente, Judith Harris (1998). O presente estudo se propõe discutir a influência da criação dada pelos pais na formação da personalidade dos filhos. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já publicado e é constituída principalmente por material impresso, como livros e artigos científicos.

Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, essas pesquisas passaram a incluir também material disponibilizado pela internet. Estudos neste formato permitem o resumo de pesquisas publicadas, construindo, assim, um método de bastante relevância em várias áreas de estudo, dentre elas a pedagogia.

De acordo com Gil (2010), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente em alguns casos.

Para favorecer um melhor andamento de qualquer trabalho é necessário que se trace metas, o que também favorece um melhor processo. Por isso, a construção desse estudo foi traçada sob a forma de metas a serem cumpridas. Inicialmente houve a formulação de uma questão norteadora, pois é esta que fornece ao autor um foco para a pesquisa. Posteriormente chegou-se a compactação das ideias e conclusões mais importantes dos estudos analisados. A análise e interpretação dos resultados foram realizadas por meio de fichamentos e resumos de livros e artigos. Tal procedimento favoreceu a melhor assimilação das abordagens e possibilitou a discussão analítica realizada no presente trabalho.

A pesquisa será estruturada em dois capítulos. No primeiro encontra-se uma exposição das teorias da personalidade, com ênfase na teoria freudiana. No segundo a análise da pesquisa e da proposta defendidas por Judith Harris. Na conclusão, tentar-se-á expor as implicações pedagógicas dos textos analisados durante este estudo.

## **2 TEORIAS DA PERSONALIDADE, PSICANÁLISE E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS**

O que é a personalidade, e como o ser humano a desenvolve? Definir um conceito como personalidade é uma ação complexa, pois esta já foi definida e discutida por diversos teóricos da psicologia. Este termo é usado para explicar por que indivíduos diferentes reagem de maneiras diferentes em situações semelhantes. Pode-se dizer que a personalidade é um conjunto de traços comportamentais que regem as ações do indivíduo (WEITEN, 2010).

A maior parte das abordagens que buscam conceituar personalidade supõe que existem alguns traços mais básicos que outros, ou seja, um número de traços fundamentais que determinariam outros, que são chamados secundários ou artificiais.

Realizando uma abordagem genética da personalidade, MCCRAE e COSTA (1987, 1997, 1999, 2003), usaram um procedimento chamado análise fatorial para chegarem a um modelo simples de traços da personalidade chamado o modelo dos “cinco grandes” fatores da personalidade. São eles: Extroversão (pessoas extrovertidas, sociáveis, alegres, assertivas e gregárias), Neuroticismo (pessoas ansiosas, hostis, nervosas, inseguras e vulneráveis), Abertura a experiências (curiosidade, flexibilidade, fantasias vividas, imaginação, sensibilidade artística e atitudes não convencionais), Amabilidade (solidariedade, confiança, cooperação, modéstia e sinceridade), e, por último, a Consciência (diligência, disciplina, organização, pontualidade e confiança). Este modelo tornou-se a concepção dominante, embora não a única, da estrutura da personalidade na psicologia moderna.

No presente trabalho, todavia, iremos nos ater às perspectivas psicodinâmicas da personalidade, que estão relacionadas com a aprendizagem e são oriundas da obra psicanalítica de Sigmund Freud. A escolha de Freud para esta discussão foi definida em razão da grande influência de suas teorias nas ciências da educação. A psicanálise traz para o campo da educação a ideia de que pode sanar os problemas da educação, direcionando os sujeitos a partir das exigências sociais. A educação, ao invés de satisfação instintual, oferece as condições para que,

através do processo de sublimação, os sujeitos canalizem os instintos para outras direções (LUSTOSA E SILVA, 2009).

A teoria da personalidade oriunda da obra freudiana se baseia, como não poderia deixar de ser, na força mental do inconsciente. Esta teoria busca explicar a personalidade dando destaque às primeiras experiências do indivíduo, ou seja, as experiências vividas na infância. Centra-se em motivos e conflitos inconscientes e nas maneiras como as pessoas lidam com seu próprio impulso sexual e agressivo.

É na obra *Três ensaios sobre sexualidade* (1989), que Freud elabora sua teoria sobre desenvolvimento psicosssexual, com a afirmativa de que o ser humano encontra prazer em seu corpo desde a infância, estando esta sexualidade vinculada mas não restrita à sobrevivência da espécie. Aqui surge um dos principais conceitos da teoria freudiana, o de libido. Esta energia localiza-se no que Freud denominou zonas erógenas, estimula o indivíduo na busca pelo prazer e se movimenta pelo corpo a cada nova fase evolutiva. Assim, a libido dá origem a cinco fases do desenvolvimento infantil: oral, anal, fálica, latência e genital. Freud pensou o desenvolvimento humano através de dois processos. O primeiro consiste no desenvolvimento psicosssexual e o segundo diz respeito ao processo de maturação do ego.

O primeiro estágio do desenvolvimento psicosssexual, o oral, tem início no nascimento e perdura pelo primeiro ano e meio de vida do indivíduo. Nesta fase, a libido centraliza-se na boca. E embora a criança nasça com um instinto natural para alimentar-se, sente imenso prazer ao mamar. A boca é também a maneira de que o indivíduo dispõe para conhecer o mundo, de modo que, nesta idade, tudo que a criança pega, leva à boca. É neste período que a criança estabelece seu primeiro vínculo afetivo, com a mãe, e ele servirá de base para os relacionamentos futuros.

No estágio anal, a libido deixa de estar centrada na boca e passa para o ânus. Inicia-se a partir do segundo ano de vida e estende-se até o terceiro ano. É um momento importante para o desenvolvimento da criança, pois é a idade em que normalmente começa a andar e a desenvolver a linguagem. Neste período, a criança obtém prazer na eliminação de fezes e urina ou em sua retenção. Segundo Freud (1989), nesta fase a criança acredita produzir seus primeiros produtos, as fezes, e assim sendo, pode negá-las ou oferecê-las ao mundo. A criança, então, vê no “seu produto” uma forma de controlar os pais, recusando-se a usar um local adequado, se sujando, etc.



No terceiro estágio, o fálico, a libido está presente nos órgãos genitais. Inicia-se no terceiro ou quarto ano de vida e é comum o desenvolvimento da curiosidade em relação ao sexo. Nesta fase, a forma como os pais lidam com a sexualidade é fundamental para que o indivíduo não desenvolva sentimentos de culpa e vergonha. Durante este período, o relacionamento com a mãe torna-se mais forte, no caso dos meninos, enquanto que as meninas se fixam em seus pais. Neste processo se estabelece o que Freud (1989) denomina, complexo de Édipo, pois a criança sentirá atração pelo genitor do sexo oposto. É neste ponto, também, que se desenvolve o superego.

O estágio de latência consiste em um momento de calma, pois nele não há novo direcionamento de libido e o ego passa a exercer maior controle sobre a personalidade. Este período compreende a faixa etária entre cinco e dez anos, e, para Freud (1989) é extremamente relevante a atenção da família e da escola, pois ambas exercerão profunda influência sobre a personalidade da criança neste período.

O estágio genital acontece durante a adolescência. Neste período, o instinto sexual se manifesta com intensidade, e a libido não está direcionada para uma parte do próprio corpo, como nas fases anteriores, mas para outro indivíduo. A conclusão deste processo indica que o indivíduo chegou à maturidade sexual e está pronto para a reprodução e, especialmente, para vivenciar o prazer sem culpa, isto se seu desenvolvimento foi tranquilo, na medida do possível no que diz respeito às fases passadas.

Quanto ao processo de maturação do ego, Freud dividiu a personalidade estruturalmente em três componentes, o *Id*, o *Ego* e o *Superego*. Assim, o comportamento humano seria regido pela interação entre estes três componentes. O primeiro pode ser caracterizado como um componente energético, psíquico do indivíduo, que se constitui pelos instintos, ou seja, opera segundo os desejos primitivos do indivíduo. O segundo, contrariamente, é guiado pelo princípio da realidade, sendo responsável pela tomada de decisões conscientes, buscando controlar os desejos desenfreios do *Id*. O terceiro e último, chamado *Superego*, é conhecido por incorporar padrões sociais que se constituem de valores, normas, moral e costumes.

Schultz e Schultz (2005) apresentam uma metáfora, em que poderíamos comparar o *Id* a um cavalo, cujo cavaleiro é o *Ego*. Assim, enquanto o primeiro é

puro instinto, o segundo representa a razão. Compreende-se então que o Id pode ser comparado à criança; o Ego ao adulto; e o Superego ao pai. Esta metáfora, por sua vez, é atribuída ao psiquiatra Eric Berne.

A teoria freudiana defende a existência de três níveis de consciência, que provocam conflitos internos, e têm como resultado o comportamento humano. São eles: a consciência, que é caracterizada pelos aspectos a que a mente tem acesso livre, e que podem vir tanto do mundo exterior como do interior; o pré-consciente, que contém elementos logo abaixo da superfície da consciência e o inconsciente, que está repleto de recordações e/ou desejos reprimidos e que exerce grande influência no comportamento humano. Pode-se distinguir esta lógica da vida mental, usando a metáfora oferecida por Freud, que é a imagem de um *iceberg*. A parte superior visível, que fica na superfície da água pode ser considerada a consciência. A parte submersa, que é infinitamente maior, representa sequencialmente o pré-consciente e o inconsciente. Dessa forma, Freud quis demonstrar que quem rege a vida psíquica do indivíduo é o inconsciente.

Em suma, a teoria psicanalítica de Freud destaca que as experiências vividas durante a primeira infância influenciam e determinam a vida adulta e que os responsáveis por oferecer o ambiente onde aconteceriam essas primeiras experiências são os pais. Essa premissa torna Freud, em parte, o verdadeiro pai da “teoria da criação”. Esta teoria faz parte da psicologia do desenvolvimento e defende que os pais são os principais influenciadores na formação da personalidade dos filhos, que será formada de acordo com o modo como os filhos forem “criados” por aqueles que são, ao mesmo tempo, seus genitores e principais responsáveis.

Em seus primórdios, a psicanálise se ocupava das psicopatologias dos adultos, e, apenas posteriormente, ocupou-se das crianças. Posteriormente, passou a desenvolver um discurso norteador para a educação. A ideia que existia anteriormente, de que a criação dos filhos era uma questão de bom senso dos pais, foi sendo substituída por indicações da psicanálise a respeito da melhor maneira de educá-los. Segundo a teoria supracitada, é na relação com os pais que se desenvolvem as patologias psíquicas das crianças e é partindo dessa premissa que ela entra no domínio da educação, “ensinando” o que os pais devem fazer para “construir “ uma criança psicologicamente saudável, ou seja, uma criança sem neuroses.

Pleux,(2012, apud MEYER, 2012, p. 392) defende como melhor definição para a educação a do dicionário *Litttré*: “ação de criar, de formar uma criança (...). Conjunto de habilidades intelectuais ou manuais que se adquirem e conjunto de qualidades morais que se desenvolvem.”. Para a psicanálise, portanto, trata-se principalmente de prevenir patologias, e, assim toda atitude parental, todo comportamento da criança é analisado psicologicamente. Desta forma, as teorias freudianas foram e são veiculadas sem nenhum questionamento, tornando-se um discurso hegemônico. Mas quais são as implicações disto para o pensamento pedagógico?

A “incrível descoberta” do inconsciente levou os psicanalistas a questionar os valores educacionais da época freudiana e assim a sugerir uma educação pautada nos princípios psicanalíticos que iria favorecer o desenvolvimento de indivíduos saudáveis e com uma personalidade equilibrada. Defendiam uma educação não repressiva, pautada na liberdade e na liberalidade, deixando as crianças a mercê dos desejos de seu inconsciente, para não provocar danos em sua *psique*. Mas é evidentemente claro que uma educação que deixa as crianças livres para agir de acordo com suas vontades e instintos não educa. Antes faz delas adultos mimados, irresponsáveis e inaptos para o convívio em uma sociedade com suas determinações morais e éticas.

Em *novas conferências introdutórias*, o próprio Freud (1996, apud SOUZA, 2003, p. 146) diz:

A criança deve aprender a controlar seus instintos. É impossível conceder-lhe liberdade de pôr em prática todos os seus impulsos, sem restrição. Fazê-lo, seria muito instrutivo para os psicólogos das crianças, mas a vida seria impossível para os pais e as próprias crianças sofreriam graves prejuízos (...).

Dessa forma observa-se que também é função educativa a proibição e inibição dos instintos infantis. Portanto, Freud (1969, apud SOUZA, 2003, p. 146), considera que é inevitável a intervenção de um educador e então adverte o próprio quanto a cumprir bem o seu papel. Diz Freud:

(...) ele tem de reconhecer a individualidade constitucional da criança, inferir a partir de pequenos indícios o que está se passando na mente imatura desta, de dar-lhe a quantidade extra de amor e, ao mesmo tempo, manter um grau eficaz de autoridade.

Hoje, alguns psicanalistas reconhecem o otimismo exagerado dos primeiros anos da psicanálise. Além disso, as assertivas da psicanálise, embora muito influentes, sofrem duras críticas, em especial no que diz respeito a questões metodológicas. Os conceitos da psicanálise são fruto da autoanálise do próprio Freud e da escuta de seus pacientes. Consistindo, pois em estudos de caso, as pesquisas de Freud se caracterizam como pesquisas da socialização (isto é, baseadas no pressuposto de que a personalidade é fruto da socialização e não da hereditariedade). A imensa maioria das pesquisas da socialização, por sua vez, têm grande fragilidade e inconsistência já que trabalham com amostras viciadas e são metodologicamente mal feitas. Isto por que estas se baseiam em observações do comportamento dos indivíduos pesquisados em seu processo de socialização, ou seja, em seu meio social, mas não tem nenhum aparato científico para embasar suas afirmações. Isto é particularmente agravado, no caso de Freud, pelo fato de que trabalhava com pessoas doentes, em especial neuróticos e por ter, a partir desta amostra não representativa da população, chegado a estabelecer princípios e conceitos presumivelmente aplicáveis a todos os seres humanos.

Espera-se que a discussão aqui apresentada tenha oportunizado um esclarecimento acerca das teorias da personalidade, especialmente da teoria psicanalítica, que tem sido costumeiramente considerada como principal contribuição para o esclarecimentos quanto à *psiquê* humana.

### 3 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO PENSAMENTO DE JUDITH HARRIS

São várias as teorias que buscam definir como ocorre a formação da personalidade do indivíduo, mas todas consideram os conceitos de hereditariedade e criação como relevantes. A hereditariedade representa as características de semelhança, mas também, eventualmente diferenças, inscritas no código genético e transferidas pelo parentesco. A criação diz respeito ao ambiente fornecido pelos pais, ou seja, o lar e sua influência na criação dos filhos.

Entre os pioneiros que falaram a respeito de “natureza e criação”, estão: Francis Galton, Richard Mulcaster e Sigmund Freud. Dentre estes, Freud influenciou toda uma massa de psicólogos e psiquiatras clínicos, da sua época e para além da sua época. Influenciou, ainda, psicólogos acadêmicos e muitas teorias da educação.

A influência dos genes sobre a personalidade, há muito suspeitada, recebeu reforço e detalhamento nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI, graças ao projeto de decodificação do genoma humano. A hipótese da criação, contudo, é mais um produto da cultura da sociedade atual do que o resultado de pesquisas sistemáticas desenvolvidas pelos psicólogos do desenvolvimento. Este conceito está tão disseminado e arraigado na sociedade que não se costuma questionar a influência da criação dos pais na formação da personalidade dos filhos, e a principal proposta deste trabalho, é pôr em questão essa influência, através do pensamento e das pesquisas de Judith Harris.

Judith Rich Harris é uma psicóloga norte-americana. Formou-se em Psicologia pela *Brandeis University*, em 1959, e concluiu o Mestrado na *Universidade Harvard*, em 1961. Depois de ter sido excluída do departamento de psicologia de *Havard*, antes do grau de Ph.D, escreveu diversos livros acadêmicos sobre desenvolvimento infantil e, finalmente, chegou a propor uma nova teoria que contradiz suas crenças anteriores e aponta um novo caminho para os estudos da psicologia infantil. Torna-se conhecida a partir da publicação de um artigo na importante revista de psicologia: *Psychological Review*, pelo qual recebeu um prêmio da Associação Americana de Psicologia.

Estudos sobre o desenvolvimento humano tiveram início por volta de 1890. Os primeiros desenvolvimentistas só estavam interessados na própria criança e não no seu entorno. Assim, os escritos desta época pouco ou nada falam sobre a

influência dos pais no desenvolvimento da criança. Os primeiros desenvolvimentistas procuravam as semelhanças entre as crianças, de modo a poder distinguir e enumerar o que era característico de cada idade.

A versão moderna da psicologia do desenvolvimento nasceu nos anos 1950. Pesquisadores pararam de investigar a semelhança entre os pares e passaram a estudar as diferenças entre eles. A meta das pesquisas era descobrir como se dava a influência dos pais no desenvolvimento dos filhos, não negá-la. Este seria um conceito irrefutável, embora fosse, como declarado anteriormente, um produto da cultura e não de pesquisas. Os desenvolvimentistas especialistas nestas pesquisas ficaram conhecidos como 'pesquisadores da socialização'. São chamados assim porque pesquisam sujeitos através da observação da socialização destes, sendo a socialização o processo através do qual os indivíduos aprendem e interiorizam os valores de uma determinada sociedade e de uma cultura específica.

Segundo a hipótese da criação, a socialização é consequência da ação dos pais sobre os filhos. Então, estes pesquisadores estudavam como se dá esse processo e a sua eficácia, avaliando o adulto em que se tornou a criança estudada. Os pesquisadores da socialização partem da ideia de que há bons e maus estilos na educação de crianças. Assim, se o pai adota um bom estilo terá um filho melhor e vice versa.

Segundo Harris (1999), o problema com as pesquisas sobre socialização é que os efeitos da hereditariedade e do meio não ocorrem separadamente. Os pais não fornecem apenas o meio dos filhos, eles também fornecem os genes. Não há como distinguir os efeitos dos genes fornecidos por eles dos efeitos do meio, que, inicialmente, também é propiciado por eles. As mudanças culturais na sociedade estabelecem o famoso "abismo entre as gerações" e, assim, contribuem para o aumento das diferenças entre pais e filhos, ao passo que os genes contribuem para a semelhança entre ambos.

Os genes contêm instruções para a produção de um corpo físico e de um cérebro físico. Isto implica que eles determinam as feições do rosto e a estrutura química do cérebro. A genética é, sem dúvida, a principal responsável pela edificação do cérebro, entretanto o meio ambiente também pode influenciar este processo. Às vezes isto se dá de forma discreta, outras vezes, de forma dramática, como nos casos de retardo mental causados pela desnutrição materna.

Uma importante prova da força dos genes está em histórias verdadeiras, de gêmeos idênticos, criados separadamente e com semelhanças extraordinárias. Tais relatos sugerem que os genes podem ser a causa da semelhança observada em características da personalidade, mesmo diante das diferenças substanciais no meio em que estes gêmeos foram criados. Entretanto, os genes também são responsáveis pelas diferenças, como fica claro, por exemplo, no caso da cor dos olhos. Filhos de olhos azuis podem ter herdado as formas recessivas dos genes de pais com olhos castanhos. Isto demonstra que herdar o gene dos pais não implica, necessariamente, que se herdem todas as características paternas. Dessa forma, a hereditariedade pode também ser a responsável pelas diferenças entre parentes biológicos. (HARRIS, 1999).

Por outro lado, o fato de serem criadas no mesmo lar não torna as crianças necessariamente parecidas. Os pais variam quanto às suas atitudes em relação a cada um dos filhos. Dados encontrados por geneticistas do comportamento mostraram que crescer no mesmo lar e ser criado pelos mesmos pais tem pouco ou nenhum efeito sobre a personalidade adulta de irmãos: Eles são parecidos na personalidade apenas na mesma medida em que são parecidos geneticamente. Quer dizer, as semelhanças em suas personalidades se dão pela hereditariedade genética e não pelo ambiente compartilhado.

Os resultados encontrados por geneticistas do comportamento, porém, foram sistematicamente ignorados pelos pesquisadores da socialização. Dos poucos estudiosos que dedicaram atenção a estes resultados, o mais relevante foi Eleanor Maccoby (professora de Stanford). Partindo da constatação da fraqueza e da inconsistência dos resultados emergentes das pesquisas genéticas comportamentais, Maccoby e Martin (1993 apud Harris, p.65) tiraram as seguintes conclusões:

Esses achados indicam com vigor que é muito pequeno o impacto do ambiente físico que os pais propiciam aos filhos e é muito pequeno o impacto das características parentais que devem ser essencialmente as mesmas para todos os filhos numa mesma família: por exemplo, a educação, ou a qualidade do relacionamento entre os esposos. Na verdade, as indicações são de que ou os comportamentos parentais não influenciam, ou os únicos aspectos efetivos dos pais devem variar enormemente de uma criança para outra dentro da mesma família.

Diante desses resultados, os desenvolvimentistas escolheram uma alternativa. As únicas coisas que têm influência na formação da personalidade são as que diferem para cada criança na mesma família. Isto equivale a dizer que os pais ainda são importantes, mas cada criança, habita, praticamente, um ambiente diferente dentro do lar e é tratado de forma diferente por seus pais, conforme seja, por exemplo, menino ou menina. Os desenvolvimentistas que adotam essa teoria falam de “diferenças ambientais dentro da família”.

Mas é preciso perguntar: quando os pais tratam cada filho de um modo diferente, eles estão reagindo às diferenças existentes entre seus filhos ou eles as estão causando? Para responder a tal questionamento, precisamos encontrar um motivo para que os pais possam se comportar de maneira diferente com dois de seus filhos e que não possa ser atribuída as diferenças genéticas entre eles.

Para Sulloway (1996), a ordem do nascimento é um dos motivos que levam pais a agirem de forma diferente com filhos diferentes. Isto se explica, por que o primeiro e o segundo filho tem chances iguais na forma como os genes são distribuídos, mas, uma vez nascidos, eles se veem em microambientes completamente diferentes.

Se as personalidades dos filhos são afetadas pela maneira como os pais os tratam, e se o tratamento que os pais dão ao primogênito é diferente, então a ordem em que nascem deveria deixar marcas nas personalidades dos filhos. Entretanto, psicólogos acadêmicos precisavam de alguma prova que sustentasse tal afirmação.

Coletou-se uma enormidade de dados sobre a ordem de nascimento no decorrer dos anos, muitos deles sob a forma de resultados de testes de personalidade. Todavia, a hipótese não foi comprovada. A ordem de nascimento não tem efeitos consistentes na formação da personalidade. Entre os sujeitos provenientes de famílias com dois filhos, não houve diferenças significativas entre ambos em nenhum dos traços da personalidade medidos (HARRIS, 1999).

Assim, os geneticistas do comportamento desistiram da ordem de nascimento. Os pesquisadores, tanto geneticistas como estudiosos da socialização, ainda estão pesquisando, mas, atualmente, procuram os efeitos das diferenças entre as famílias, e não as diferenças microambientais dentro das famílias. A pesquisa analisa os estilos de pais. A desenvolvimentista Diana Baumrind (apud Harris), definiu três estilos de pais contrastantes. Ela os chamou de: Autoritário, Permissivo e Firme.



Os pais autoritários são mandões e inflexíveis, ditam regras e exigem seu cumprimento, se necessário, com castigos físicos. Os permissivos são o oposto. Eles não mandam os filhos, pedem. Não determinam regras, acreditam que o mais importante é o amor. Os firmes aprovam os filhos e lhes dão amor, mas estabelecem limites e fazem com que estes sejam cumpridos. Esses pais levam em conta a opinião dos filhos e não costumam se utilizar de castigos físicos.

De um modo geral, estas pesquisas mostram de fato uma tendência modesta, mas razoavelmente constante, de que bons pais (pais firmes) tenham bons filhos. O problema com estes achados, todavia, é que eles conflitam com os dados da genética comportamental. Os estudos da genética comportamental contrariam esta premissa quando defendem que traços da personalidade são herdados geneticamente, portanto, nem sempre um bom pai terá um bom filho.

Assim, as implicações dos achados da genética comportamental demonstram que há apenas três conclusões possíveis. Ou o estilo da educação adotado pelos pais não tem efeito sobre os filhos, ou o estilo adotado poderá, em tese, ter efeito mas nunca é, na prática, consistente, ou o estilo é consistente, mas tem efeitos diferentes em cada filho.

Para Harris (1999), não há um estilo de criar filhos consistente, a menos que aconteça dos pais terem filhos consistentes. (o que não é o caso, tendo em vista que o indivíduo também sofre influenciado ambiente externo à casa e apresenta mudanças consideráveis nas diversas fases da sua vida). O estilo consistente seria uma forma única e constante de educar, mas isto parece impossível tendo em vista que cada indivíduo é singular. Desta forma a teoria mais provável é de que mesmo que o estilo seja consistente, seu efeito vai variar de filho para filho.

Para melhor esclarecimento de tal premissa, Harris (1999) faz um brilhante paralelo, entre o conto de fadas da Cinderela e a formação da personalidade da criança. O clássico conto narra a história de Cinderela, uma moça meiga e bondosa. Ela morava com o pai, a madrasta e suas duas filhas, que são descritas como belas, mas malvadas (bonitas por fora, personalidades feias). Cinderela sofria maus tratos por parte delas. Viveu assim até que chegou o dia de um grande baile na corte, no qual, com a ajuda de uma fada madrinha, que a transformou, Cinderela chegou ao baile, dançou e encantou o príncipe, com quem posteriormente viveria feliz para sempre.

Esta história nos pede que aceitemos algumas premissas: a de que Cinderela foi capaz de ir ao baile sem ser reconhecida, a de que, apesar de anos de degradação sofrida, ela foi capaz de encontrar um sofisticado príncipe e de encantá-lo, e a premissa de que este não a reconheceu quando, depois, na sua casa, a viu com roupas simples de trabalho. (HARRIS, 1999)

A história se encaixa se aceitarmos uma ideia simples: as crianças criam “eus” diferentes para ambientes diferentes. Podemos dizer que Cinderela aprendeu, desde pequena, que era melhor ter um comportamento humilde, ante a presença da madrasta. Mas quando escapava da choupana, onde ninguém a insultava, podia fazer amigos e se mostrar bonita. Nesse contexto, pode-se afirmar que pessoas se comportam de maneiras diferentes, em contextos diferentes.

Como Cinderela, as crianças normalmente têm pelo menos dois ambientes distintos, o familiar e o externo a este. Cada um tem suas próprias regras de comportamento. As crianças realizam com muita eficiência a mudança de uma personalidade para outra. O comportamento que se tem em casa, sem dúvidas difere do comportamento que a criança terá com seus pares.

Há, é bem verdade, casos em que as crianças repetem o comportamento de casa na escola, mas isto, pode se dever a efeitos genéticos diretos. É importante salientar, a este respeito, que a pesquisa genética indica que a capacidade de hereditariedade de traços de personalidade como irritabilidade e agressividade é de cerca de 50%. Isto significa que parte considerável da personalidade da criança é inata e não foi adquirida através da experiência.

Essa premissa pode interferir no ponto em que estamos discutindo, o de que as crianças aprendem separadamente, em cada contexto social, a se comportar neste contexto. Mas o comportamento social é complexo. Ele é determinado, em parte, pelas características genéticas (inatas) e, em parte, pelas experiências vividas. Os bebês nascem com certas características, certas tendências, para se comportarem de uma maneira ou de outra. Mas essas tendências inatas são construídas e modificadas pelo meio. Assim, a personalidade tem dois componentes: um componente inato e um componente ambiental.

Um das dificuldades para dar crédito à teoria de Harris, que afirma que a hipótese da criação é um mito é que há muitas evidências usadas pelos pesquisadores da socialização para sustentar a hipótese da criação. Todavia, estas evidências consistem em observações sobre o comportamento do filho na presença

dos pais ou em questionários acerca do comportamento do filho preenchidos pela mãe, situações nas quais a objetividade necessária à pesquisa científica tende a ficar comprometida. Entretanto, o objetivo é explicar o que faz com que as crianças se comportem como elas se comportam no mundo externo à casas – o mundo onde eles passarão o resto de suas vidas (HARRIS, 1999).

As convicções que as pessoas têm a respeito do modo como a criação dada pelos pais influencia o desenvolvimento dos filhos, assim como as ideias delas sobre como os filhos são e como devem ser tratados variam no tempo e no espaço, e são um produto da cultura na qual os indivíduos vivem. Na verdade, a própria ideia de que a criação dada pelos pais influencia a personalidade dos filhos é um pensamento relativamente novo. Em outros tempos, mesmo na cultura ocidental, acreditava-se que o futuro da criança estava determinado pelo destino que a mesma trazia consigo desde a concepção. Assim, a hipótese da criação está ligada a um modelo específico de família e de educação de filhos, que é comum na sociedade ocidental atual.

A historiadora da família Tamara Hareven (*Hareven apud Harris*) caracteriza a família moderna como “privatizada, nuclear, doméstica e centrada na criança”. Partindo-se desse modelo, admite-se que, se o ambiente de casa é privado e exige determinados tipos de comportamento, o ambiente externo a ela é público e exige um comportamento diferente. A privacidade é considerada por nós como um direito básico prioritário, defendido até pela constituição. Entretanto, este é um conceito moderno. A diferenciação entre a vida pública e a privada é recente. Uma maneira simples de demonstrar isso é a comparação entre as habitações de 400 anos atrás e as da atualidade. Estas costumam ser modernas, grandes, com um quarto para cada filho. Aquelas não tinham separação em cômodos. Eram local de trabalho, bem como o lugar onde se comia, dormia, se conversava, brigava e se fazia amor. (HARRIS, 1999).

As práticas educacionais são produtos de uma cultura e não somente o bastão com o qual se passa a cultura de uma geração para a outra. É verdade e inegável, por exemplo, que a maioria dos pais tem imenso afeto por seus filhos, mas a atitude intensamente sentimental que podemos observar na sociedade atual é relativamente recente. Houve um tempo na história em que infância era sinônimo de privações e perigo, pois as crianças eram vistas como propriedade dos pais e estes podiam fazer o que quisessem com elas. Dependendo de onde nasciam, bebês e

crianças podiam ser ignorados, maltratados, vendidos, ou abandonados, e muitos o eram. (HARRIS, 1999).

As coisas começaram a melhorar durante o século XIX, quando os homens começaram a trabalhar em serviços que os mantinham longe de casa por um longo período do dia. Assim, a casa se tornou um lugar privado e a família passou a se consolidar mais por afeição mútua do que por fatores econômicos. Com os homens fora de casa, as mulheres passaram a ser responsáveis por atender as necessidades da família e passaram a cuidar do bem estar dos filhos.

Jean-Jacques Rousseau foi o responsável pelo interesse dos europeus pela criança como um sujeito da especulação filosófica. Ele propôs a ideia de que a educação racional deveria estar baseada na natureza essencial da criança. Por volta do fim do século XIX e início do século XX, a publicação de panfletos e manuais com conselhos destinados às mães passou a ser comum. Entretanto, estes tendiam a ser severos. As mulheres, especialmente as das classes educadas, liam esses manuais e seguiam seus conselhos. O medo que prevalecia era que as mães estragassem seus filhos com mimos. Então se recomendava que as mães não deixassem os filhos saberem que eram amados, porque afeto em demasia poderia fazer mal para eles.

A escola de recomendações atingiu seu apogeu com uma publicação do psicólogo John B. Watson. Ele foi o primeiro a tentar supervisionar cientificamente a relação psicológica entre mãe e filho. As recomendações prévias se concentravam no bem estar físico das crianças, ou no ensino de boas maneiras e de uma religião. Mais ou menos nessa época, as mães se tornaram culpáveis do que faziam e do que não faziam pelos filhos, e também, graças a influência do pensamento de Sigmund Freud, dos sentimentos e motivações inconscientes deles. Para ele, os pais são responsáveis por causar uma angústia imensa na criança: todos os meninos pequenos atravessam a crise edipiana durante a qual são apaixonados pela mãe e todas as meninas atravessam a versão feminina do complexo de Édipo, apaixonando-se pelo próprio pai. De acordo com a psicanálise, a mãe é também responsável por duas crises iniciais, a do desmame e a da aprendizagem do uso do banheiro (HARRIS, 1999).

A partir da segunda metade do século XX, passou-se a esperar que a mãe ame seu filho com ardor e o demonstre sem inibições. Atualmente, alguns conselheiros, dentre os quais, muitas mulheres, dizem aos pais que os filhos

necessitam de “amor incondicional”. É importante destacar aqui que o bom senso dos pais na criação dos filhos há muito tempo vem sendo substituído por conceitos sobre a melhor maneira de fazê-lo, disseminados, muitas vezes, por teóricos que nunca tiveram filhos ou, se o tiveram, não fizeram questão de criá-los. Este é o caso do próprio Rousseau que encaminhou todos os filhos que teve para o orfanato. Quanto a isto, JOHNSON (1990, p. 32) afirma:

Uma vez que a reputação de Rousseau se devia a suas teorias sobre a educação de crianças, é curioso que na vida real, em contraste com sua obra, ele tivesse tão pouco interesse em crianças...descobrir o que Rousseau fez com seus próprios filhos causa um choque terrível. Thérèse deu à luz o primeiro no inverno de 1746-47. Não sabemos seu sexo. Nunca teve nome. Com (diz ele) “a maior dificuldade do mundo”, convenceu Thérèse de que a criança devia ser abandonada “para que a honra dela fosse salva”. Ela “obedeceu com um suspiro”. Ele colocou um cartão cifrado na roupa da criança e disse à parteira que colocasse aquela trouxa no hospital das crianças encontradas. As outras quatro crianças que teve com Thérèse foram abandonadas exatamente da mesma maneira, exceto pelo fato de que não se preocupou em anexar um cartão cifrado nos outros filhos.

É comum na sociedade atual, os pais ouvirem os “especialistas”. Observa-se uma insegurança nos pais, especialmente os que esperam o primeiro filho, que leem com avidez todo material que encontram sobre as boas maneiras, ou jeito certo de criar filhos saudáveis, inteligentes, educados, autoconfiantes, entre outros atributos, mas como já foi explicitado, nem sempre os especialistas estão corretos.

Para Harris, a pesquisa que se realiza sobre criação de filhos e as interpretações que ela assume são, sem sombra de dúvidas, produtos de nossos pontos de vista culturalmente condicionados sobre infância e a paternidade/maternidade. Pontos de vista que mudam, às vezes dramaticamente, às vezes em menos de uma geração. Isto implica dizer que a criação de filhos não é apenas física. Infância e paternidade/maternidade envolvem questões emocionais.

Dito isto, Harris propõe que a educação dos filhos se tornaria mais fácil se feita sem culpa e sem os pais terem que pensar sobre os efeitos a longo prazo que as suas ações poderiam ter sobre a frágil e pequena *psiquê* do seu filho. Também sugere a necessidade de se reconhecer e identificar os outros atores sociais que influenciam o desenvolvimento da personalidade de uma pessoa. Para tanto, Harris, recorre à linguística, colocando a seguinte questão: a aquisição da linguagem se deve à natureza ou à criação? Hoje em dia os termos natureza e criação, são

usados para explicar as diferenças entre nós. Como já foi discutido anteriormente, a psicologia do desenvolvimento em seus primeiros tempos, concentrou-se nas semelhanças. O que eles realmente queriam saber era se as crianças adquiririam habilidades que consideramos humanas se elas não fossem criadas num ambiente humano.

Uma dessas habilidades é a linguagem e este é um dos aspectos que nos distingue dos demais animais. Uma das coisas que a linguagem faz é nos fornecer a capacidade de compreender o que as outras pessoas sentem e pensam. Os pesquisadores chamam a isso, de “teoria da mente”. Esta teoria se inicia com os olhos, desde os primeiros olhares trocados entre o bebê e sua mãe. Essa habilidade é, portanto, natural (HARRIS, 1999).

Uma das finalidades atribuídas à linguagem é a transmissão da cultura, presumivelmente, segundo a hipótese da criação, de pai para filho. A hipótese da criação sugere que as crianças nascem com cérebros vazios, e a responsabilidade de preenchê-los é dos pais.

Entretanto, Harris aponta que uma predisposição para aprender apenas com os pais impediria que a criança assimilasse as inovações úteis introduzidas por outros membros da comunidade dela. O segundo motivo tem relação com a variedade. Estar dentro de uma família pode propiciar uma gama maior de habilidades e uma base mais ampla de conhecimento que será útil para toda a família. O terceiro motivo é que as crianças não podem contar com o fato de ter pais, pois podem perdê-los por uma fatalidade, ou por qualquer outra razão. O motivo final está relacionado aos interesses concorrentes de pais e filhos. O que é melhor para os pais não vai ser necessariamente melhor para os filhos, ou vice versa.

Se todos estes motivos são relevantes e válidos, cabe questionar, como o faz Harris: com quem mais as crianças aprendem que outras influências recebem?

A resposta passa pelo recurso à psicologia social (em especial à dinâmica de grupos). Para que se inicie uma discussão consequente a respeito de grupos e comportamentos grupais, é importante falar da categorização. O linguísta Hayakawa (apud HARRIS p. 173) reconhece que, quando nomeamos algo, estamos classificando. Nomear, classificar, rotular, categorizar, são atividades que o ser humano realiza o tempo todo. Não é suficiente ter que aprender a lidar com cada objeto, animal ou pessoa individualmente. Por isso, eles são colocados em categorias.

O problema da categorização é que ela relaciona todos os itens de uma categoria como sendo mais semelhantes do que realmente são. Contudo, também existe a tendência a se considerar duas categorias justapostas como mais diferentes do que elas são de fato. Este efeito corresponde ao que os psicólogos sociais chamam de efeitos de contrastes de grupos. A categorização faz com que as semelhanças entre os grupos humanos aumentem, ao mesmo tempo em que as diferenças entre os indivíduos do mesmo grupo diminuam. Essa tendência de os grupos humanos se tornarem mais parecidos com o tempo, chama-se assimilação.

Os grupos humanos requerem uma certa dose de conformidade, ou seja, uma submissão, por imposição ou imitação, a um modelo, conseguido através de processos sutis de influência mútua. Mas isso não significa que o grupo seja formado por pessoas iguais, semelhantes a clones. Assim como as famílias, os grupos se saem melhor se os seus membros se encaixam numa variedade de nichos. Portanto, é da natureza dos grupos humanos, especialmente quando estes estão engajados em hostilidades com grupos rivais, fazer algum tipo de trabalho dentro do grupo, a que se chama de diferenciação. (HARRIS, 1999).

Harris recorre também à psicologia evolucionista. É importante lembrar que Darwin (apud HARRIS p.167), afirmou que os instintos sociais nunca se estendem a todos os indivíduos da mesma espécie e que as tribos que habitam regiões adjacentes estão quase sempre em guerra umas contra as outras. Portanto, ver um grupo de seres humanos como assassinos ou misericordiosos, egoístas ou altruístas, vai depender de se estar observando seu comportamento para com os colegas do próprio grupo ou para com os membros de outro grupo. O indivíduo terá posturas diferentes, em situações semelhantes, dependendo do grupo no qual está no momento.

Entretanto, o que é um grupo? Existem várias acepções para este conceito, entre sociólogos e psicólogos sociais. Todas coincidem no reconhecimento de que o grupo é uma categoria social. Os grupos podem surgir de muitas maneiras, podem ser grandes ou pequenos. A família é um tipo de grupo básico e duradouro.

Os fenômenos básicos das relações grupais, como preferência pelo próprio grupo, hostilidade em relação a outros grupos, assimilação e diferenciação dentro do grupo, são vigorosos e fáceis de serem demonstrados. “É por demais evidente que não se pode explicar o comportamento de indivíduos observando-os em isolamento,

se eles pertencem a uma espécie que foi destinada pela evolução a viver em grupos". (HARRIS, 1990).

Quando as pessoas categorizam a si próprias, elas colocam-se em compartimentos junto com outras pessoas que são 'como eles', isto é, pessoas que eles percebem como semelhantes. Mas as crianças não percebem os adultos como pessoas iguais a elas, não se houver quaisquer outras crianças por perto para tornar a distinção clara. Harris propõe, com esta assertiva, a sua teoria de que a influência dos pares é o principal motor da socialização e de que o grupo de iguais é, portanto, a maior influência na formação da personalidade. Isto explicaria, por exemplo, por que as crianças têm sua personalidade mais influenciada pelos amigos/ pares do que pelos pais, tendo em vista que estes não se assemelham a ela. A semelhança serve como base para a amizade. Dessa forma, a criança, em busca de fortalecer laços de amizade, procura a outra criança, que considera sua semelhante, porque, sente-se atraída por outros como ela (HARRIS, 1999).

A hipótese de Harris reconhece que os genes predis põem o indivíduo a desenvolver certo tipo de personalidade. Afirma, entretanto, que o comportamento social nos humanos não é constitucional, pois varia de um grupo para outro, isto significa que o meio pode mudá-las. As crianças aderem a um determinado comportamento por que elas, em sua maioria, acabam se comportando como as outras pessoas da sociedade na qual elas são criadas. Mas as pessoas às quais elas imitam são, principalmente, as outras crianças, não os adultos. Portanto, o meio que as modifica não compreende a criação propiciada pelos pais. Este meio compreende o ambiente externo a casa, o ambiente que as crianças compartilham com seus pares.

Conforme propõe Harris, é o departamento da mente que lida com o sentido de grupo que habilita as crianças a serem socializadas e a terem suas personalidades modificadas pelo meio. A questão central do pensamento da autora é: Como as crianças aprendem a se comportar como membros normais, aceitáveis, da sociedade em que vivem? A primeira coisa que elas têm de descobrir é o tipo de pessoa que elas são, ou seja, a que categoria pertencem e, assim, aprender a se comportar de forma adequada em relação à sociedade em que vivem. A essa teoria sobre como as crianças se socializam, Harris chama de teoria da socialização de grupo. As crianças adquirem suas ideias sobre como se comportar identificando-se com um grupo e adotando as atitudes, os comportamentos, o modo de falar, a



maneira de vestir, porque elas querem ser como seus pares. Nas brincadeiras infantis, a separação de grupos de meninas e grupos de meninos, por exemplo, é resultado da autocategorização.

Harris (1999) destaca que a fase intermediária da infância é o período em que as coisas mais importantes acontecem, pois é quando as crianças se socializam definitivamente e quando ocorrem mudanças permanentes em suas personalidades. Alguns dos traços mais toscos de suas personalidades se abrandam à medida em que os comportamentos sociais inaceitáveis para seus pares do mesmo sexo dão lugar a comportamentos mais aceitáveis. Os novos comportamentos são internalizados e passam a fazer parte da personalidade pública. A personalidade pública é aquela que a criança adota quando não está em casa e é essa que se desenvolverá até que se torne a personalidade adulta.

Portanto, é durante a fase intermediária da infância que as crianças aprendem sobre si mesmas. E elas aprendem ao se compararem com os outros cuja categoria social compartilham. É nessa fase que as crianças se encaixam em papéis cuja representação pode durar o resto de suas vidas.

Deve-se deixar claro aqui que não é pretensão deste estudo excluir a importância dos pais na criação dos filhos. Ter e ser bons pais ainda é muito importante, pois isto pode influenciar o comportamento da criança, mas esta influência se dá, segundo Harris, principalmente dentro de casa e nos primeiros anos da infância. Fora do ambiente familiar, entretanto, a principal influência virá dos pares e se intensificará à medida em que as crianças forem ficando mais velhas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise conclusiva desta pesquisa não tem a pretensão de ser determinante, devido à complexidade da temática. Constitui, no entanto, um norte para possíveis e futuras pesquisas, mais aprofundadas. Esta é uma das tarefas da educação, promover novas discussões e despertar a curiosidade quanto a novas descobertas. Pretendeu-se, principalmente, com a discussão ora desenvolvida, levantar questionamentos acerca do papel dos pais na educação dos filhos e discutir as implicações pedagógicas de teorias que tratam deste assunto.

A publicação do artigo de Harris gerou um burburinho no meio acadêmico e, em especial, na psicologia clínica, pois contrariava todas as teses até então, como irrefutáveis. Em especial, a de que os pais eram os únicos e principais responsáveis pela formação da personalidade das crianças. Harris levantou uma nova discussão e buscou provar a validade de seu posicionamento através da comparação das pesquisas dos desenvolvimentistas e dos estudos de geneticistas. Ela partiu da demonstração de que a formação da personalidade sofre influência genética, tanto no que diz respeito às semelhanças quanto às diferenças entre pais e filhos. Abordou, em seguida, os estudos dos desenvolvimentistas e a sua afirmação de que os pais são os principais responsáveis e influenciadores no desenvolvimento da personalidade das crianças.

Para Harris (1999), os pesquisadores da socialização estão corretos em acreditar que os fatores ambientais, como o lar, influenciam os filhos, mas estão errados ao acreditar que o tipo de pesquisa que fazem, aponta esses fatores, pois, conforme demonstra em análise extensiva, apesar da pesquisa da socialização se caracterizar como um estudo científico, ela não é uma ciência experimental, já que seus pesquisadores limitam-se a fazer estudos correlacionais.

A assertiva de Harris (1999) traz uma ruptura com este velho modo de pensar, no qual os pais podem ser responsabilizados por qualquer sucesso ou fracasso escolar do seu filho. Assim, se antes o pai era considerado responsável por isto, hoje busca-se pensar em outra alternativa, que identifica outros fatores influentes neste sucesso ou fracasso – como o grupo de amigos. É importante, também, ter em vista que a criança é um indivíduo com vontade própria e, portanto, pode ser responsabilizado por suas ações na escola.

Há, porém, um fator que complica esta retirada de culpa dos pais, o fato de que estes tem muito trabalho fora de casa e acabam passando menos tempo com os filhos. Assim, a educação passa a ser, direta ou indiretamente, total responsabilidade da escola. Mas esta falta de tempo, não impede que os pais estejam atentos a outros fatores que influenciam na formação da personalidade dos seus filhos, como a escola que frequentam, a vizinhança e os amigos com quem os filhos passam o seu tempo livre. Por isso, é extremamente importante que os pais e, especialmente, os profissionais da educação, tenham conhecimento destas teorias e estudem mais sobre socialização em grupo. Afinal, os estudos de pesquisadores da socialização e de geneticistas e o modo como se interpretam as mesmas, são a base fundamental para toda recomendação encontrada em publicações, no que diz respeito à educação de crianças.

Quanto às implicações pedagógicas de toda essa discussão, cabe ressaltar aqui a participação da escola, na figura do professor, na educação do indivíduo. Sabe-se que o trabalho do professor nunca foi tarefa simples, mas na atualidade podemos perceber uma infinidade de elementos que tornam o exercício da profissão ainda mais difícil. Entre eles, a indisciplina dos alunos, a introdução de novos métodos educacionais sem o preparo adequado e, por que não dizer, toda a estrutura do nosso sistema educacional.

Zagury (2006) aponta três fatores técnicos, os quais, segundo ela tem contribuído para a queda da qualidade de ensino: 1) a má compreensão e distorção das novas linhas pedagógicas aplicadas – devido à escassez ou inexistência de treinamento docente adequado, antes da implantação; 2) a falta de experimentação prévia em projetos-piloto, antes da implantação geral ao sistema; e 3) o raro acompanhamento de resultados de cada nova proposta implantada.

Como consequência desses fatores citados, surgem vários problemas, dentre os quais podemos destacar a insegurança que se aplaca sobre o professor, enquanto responsável por efetivar essas mudanças dentro da sala de aula. Imagine um profissional que foi educado por um estilo educacional e que depois passou anos atuando pelo mesmo sistema, e que se vê obrigado a mudar sua prática sem um preparo adequado para tal. É obvio que isto trará grande impacto não só para a prática docente, mas especialmente para o educando, que este estará nas mãos de um profissional despreparado diante dessas novas propostas.

Não pretende-se, aqui, defender esta ou aquela tendência pedagógica, mas levantar uma reflexão acerca de como estas mudanças vêm sendo implementadas em nosso sistema educacional. Dentre estas mudanças, a primeira aconteceu por volta de 1910, quando o modelo tradicional de educação começou a ser substituído, tímida e respectivamente, pelas tendências renovadas: escola nova, tecnicista, libertadora, libertária e, por fim, a histórico-crítica. Estas correntes começaram, alternadamente, a influenciar a prática dos professores.

Quanto ao impacto que tais ações podem trazer para os envolvidos no processo educacional, Zagury( 2006, página 45) afirma:

No Brasil, as mudanças educacionais têm sido “de papel”, ocorrem na “lei”. Mas lá na sua sala de aula, o professor não recebe o treinamento de que necessita para efetivar com segurança o novo modelo. Muito menos chegam a ele os suportes necessários de infra-estrutura física, material, ou os equipamentos que poderiam ao menos possibilitar alguma chance de sucesso.

Sob estas novas perspectivas educacionais, de repente, tornar o aluno independente tornou-se mais importante do que ensinar o conteúdo. Na relação professor- aluno, aquele que antes tinha uma postura de autoridade em classe passa a ser apenas um facilitador, o mediador da aprendizagem, em detrimento da vontade do estudante que não poderia, de forma alguma, ser reprimido, pois isto poderia causar danos irreparáveis em sua personalidade, sendo esta última afirmativa fortemente amparada pela teoria psicanalítica de Freud.

Estas mudanças não aconteceram somente na metodologia, mas afetaram fortemente o relacionamento entre professor-aluno, dando-se uma ênfase exacerbada na amizade do professor para com o aluno. Sob esta ótica, o professor, embora não sendo mais o centro do processo de ensino-aprendizagem, pode se tornar o único responsável pelo mau ou bom rendimento do aluno. Encontra-se, aqui uma distorção de papéis, podendo ocorrer em determinada ocasião, por exemplo, que um professor se recuse a reprovar um aluno, que não obteve bom resultado nos exames, em nome deste bom relacionamento. Mas é evidente que o processo de aprendizagem não depende apenas do professor ou dos métodos usados por ele, mas de outras variáveis como a dedicação do aluno quanto aos conteúdos estudados, a disposição do aluno para aprender o conteúdo, entre outros.

Quando responsabilizamos unicamente o professor, deixamos de averiguar a capacidade intelectual e o desenvolvimento dos alunos durante o processo.

É partindo deste tipo de pensamento, que tem o professor como responsável principal pelo desenvolvimento do aluno, que a psicanálise defende a não repressão e a total liberdade do mesmo. Não se propõe aqui contestar as contribuições da psicanálise para a educação. É evidente, que suas hipóteses, especialmente em seu tempo, puderam devolver às crianças uma existência por inteiro. Ela também pode ser útil ao nos ensinar como transformar a curiosidade infantil em vontade de aprender. Mas apesar dessas contribuições, é necessário, deixar claro que ela também traz riscos, pois uma criança que não é disciplinada não tem condições de desenvolver de forma holística o comportamento moral que se exige para o convívio na sociedade.

Antes de começarem a culpar pais e/ou professores pelo mau comportamento da criança, há que se deixar claro que esta é um indivíduo com consciência, que sofre influência de diversos meios, especialmente daquele que divide com seus pares e, que em muitos casos, poderá ser responsabilizado por suas atitudes, tendo em vista que, como um indivíduo singular, é quem dá a última palavra na tomada de decisões. Assim, a responsabilidade dos pais e por que não dizer, da escola, na medida em que querem criar crianças saudáveis e bem sucedidas, é estarem atentos às companhias e aos ambientes de convivência externos ao lar que são frequentados por elas. Quanto a isto, Harris (1999) afirma:

À medida que as crianças ficam mais velhas, elas têm cada vez mais liberdade para escolher a companhia que querem ter. Essa também é uma das razões para que as características com que elas começam se exacerbem. Uma criança brilhante tende mais a se juntar a um grupo de crianças com bom desempenho escolar, uma criança não tão brilhante, a um tipo de grupo diferente.

Esta afirmativa está amparada pela observação analítica feita no decorrer deste estudo, pois, surpreendentemente, se contrapondo à máxima do senso comum e dos pesquisadores da socialização, não há um papel preponderante da criação dada pelos pais na formação da personalidade dos filhos. É indiscutível que os pais têm um papel imprescindível na formação dos filhos, especialmente nos primeiros anos da infância, mas eles não são a principal influência que conta na personalidade deles. Isto porque a influência adquirida através da socialização pela

interação com crianças é mais atraente, especialmente na formação da personalidade adulta, do que a influência adquirida através das interações com os pais em um curto período da infância. Assim, o comportamento da criança difere de acordo com o ambiente no qual está inserida, ou seja, o comportamento de casa não é o que ela normalmente vai usar quando estiver em companhia de seus pares.

Se o ser humano nasce condicionado a viver em grupos, então, é na infância, em sua busca pela inserção em algum grupo, que a criança procura se comportar como os componentes do grupo a que espera se integrar e, muitas vezes, o papel desempenhado por ela é o que vai perdurar por toda a sua vida. Mesmo que os participantes do grupo lutem por um mesmo ideal, há, dentro deles, papéis definidos para cada pessoa. Assim, é possível observar um padrão que costuma se repetir em grupos de amigos. Um exemplo disso é que sempre tem aquele que desenvolve o papel de líder, outro de engraçado da turma, outro de inteligente, entre muitas outras possíveis características.

Dessa forma, pode-se afirmar que, embora os pais tenham alguma influência na personalidade dos filhos, especialmente nos primeiros anos da infância, estes serão mais influenciados pelo ambiente externo ao lar, especialmente pelos pares. O período de moldagem da personalidade é, portanto, extenso, incluindo aspectos importantes como os grupos de referência na adolescência, fase em que se observa o grupo com um poder de influência mais sofisticado. Assim, espera-se que ao fim, este trabalho tenha colaborado para uma melhor compreensão acerca da formação da personalidade do indivíduo e para que os pais, ao lerem essas páginas, se sintam menos culpados, em parte, por aquilo em que o filho se tornou, já que a “versão final” do indivíduo sofre influência de diversos ambientes e o doméstico, é, apenas, um dos fatores influentes para a formação dessa personalidade.

## REFERÊNCIAS

WEITEN, Wayne. **Introdução a psicologia**: temas e variações. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

LILIENFELD, Scott O. (et al.). **Os 50 maiores mitos da psicologia**: derrubando famosos equívocos sobre o comportamento humano. Tradução de Irati Antonio. São Paulo: Editora Gente, 2010.

SIMONTON, Dean Keith. **A origem do gênio**. Tradução de Luiz Guilherme. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PINKER, Steven. **Tabula rasa**: a negação contemporânea da natureza humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZAGURY, Tânia. **O professor refém**: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HARRIS, Judith Rich. **Diga-me com quem anda**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de. (org.). **Psicologia da educação**: teorias do desenvolvimento e aprendizagem em discussão. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

FREUD, Sigmund. Educação e Psicanálise: história, atualidade e perspectivas. In: SOUZA, Audrey Setton Lopes de Souza. **Educação e Psicanálise**: história, atualidade e perspectivas. Org. OLIVEIRA, Maria Lúcia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

OLIVEIRA, Maria Lucia (org.) et al. **Educação e Psicanálise**: história, atualidade e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

JOHNSON, Paul. **Os intelectuais**. Tradução André Barros da Silva. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

SULLOWAY, Frank J. **Vocação rebelde**: ordem de nascimento, dinâmica familiar e vidas criativas. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record. 1999.

SLATER, Lauren. **Mente e cérebro**. Tradução de Vera Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro. 2004.

MEYER, Catherine; JACOBSEN, Mikkel Borch (et al). **O livro negro da psicanálise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

COSTA, P. T. & McCrae, R. R. (1988). **From catalog to classification**: Murray's needs and the Five- Factor Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55 (2), 255-265.



## **ANEXOS**



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( x ) Monografia  
( ) Artigo

Eu, ELAINE COSTA DE SOUSA,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
O PAPEL DOS PAIS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS: IMPLICAÇÕES  
PEDAGÓGICAS DO PENSAMENTO DE JUDITH HARRIS.  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 24 de FEVEREIRO de 20 15.

Elaine Costa de Sousa  
Assinatura